

A Arte e a Igreja. Avaliação e perspectivas

VICTOR COSTA / ANTÓNIO AZEVEDO OLIVEIRA / MANUEL M. DA COSTA
SANTOS / PIO G. ALVES DE SOUSA

Contributos para uma reflexão

Reflectir em 95 os problemas da Arte e Igreja, significa que há uma necessidade de pensar estes problemas e de os pensar com um grupo de especialistas em áreas diversificadas do conhecimento artístico.

O facto de haver necessidade, significa que eventualmente há algo a modificar, a melhorar.

Introduzir a discussão destas áreas no discurso do quotidiano da Igreja, no mínimo, revela clarividência no assumir este diálogo como importante. Parabéns a quem reflecte esta maneira de pensar, pelo contributo que dá ao trazer ao plano da actualidade, um assunto há muito adormecido.

Sabemos do papel da Igreja através da história, dinamizador e muitas vezes pioneiro no campo das artes.

É do conhecimento de todos que factores sociológicos políticos e económicos em cada época da história, geraram sempre linguagem artísticas diversificadas, traduzidas em factores técnicos e artísticos muito específicos. Basta recordar a sua importância no Renascimento, no Barroco, etc., etc., etc.

Hoje, por razões de índole diversa e sobretudo culturais, a Igreja deixou de assumir um papel mediador e o seu protagonismo aparece apenas em aspectos marginais e muito pontuais.

O que há a fazer a partir desta reflexão?

Na minha perspectiva terá de haver um grande investimento na área da Formação dos futuros sacerdotes em componentes artísticas e estéticas, com programas abertos aos problemas da contemporaneidade, ao nível das várias linguagens artísticas, desde a área da Expressão Plástica, passando pela Música e com um grande domínio na área da Imagem.

No campo prático, apoio directo a projectos relacionados com novas propostas e reordenamento de outros. Será necessário a criação de um Órgão Mediador entre as necessidades evidenciadas e as soluções a apontar. Este órgão deveria incluir na sua orgânica, um elemento ligado à área da arquitectura, um elemento ligado à produção estética (Pintura / Escultura) e um elemento que dominasse os problemas da Igreja nas suas múltiplas vertentes. (Sentido do espiritual ...).

De imediato e resumindo algo do que foi apresentado, há sinais que interessa evidenciar pela sua carga negativa, assunto brilhantemente explorado pelo conferencista anterior e poderia resumir no seguinte: fuga ao isotérico, à poluição visual pela multiplicidade de sinais que produzem ruído estético e distraem quem procura o sentido da espiritualidade no recolhimento das Igrejas. Os sinais, ícones, símbolos, proliferam a maior parte das vezes em excesso e contribuem para a dispersão.

Numa linguagem temporânea, procuramos que os ícones sejam potenciadores do espiritual.

VICTOR COSTA

A música, expressão sublime da comunicação com Deus

Não é possível falar de Arte, quer seja na Liturgia, quer noutra actividade do ser humano, sem falar de música. Igualmente ao falar de música, não se pode prescindir do conceito genérico de Arte e de Estética.

É longa a evolução da Arte e da Estética na nossa civilização Ocidental. Desde tempos antigos, a expressão musical do Homem incluía o ritmo e a melodia, começando mais tarde a integrar também a harmonia. O ritmo, porém, é o primeiro elemento e é o elemento constante. A dança, a música (canto e instrumentos), o movimento, a representação, todas elas são artes onde o ritmo é uma constante essencial, já desde as músicas cultuais do Antigo Testamento e no mundo pagão. No canto, junta-se a palavra como elemento sonoro declamado e cantado. Aqui se estabelece uma fusão tal entre os vários elementos, que o ritmo (da palavra e do corpo), o movimento (sonoro, verbal e corporal) e o som constituem a mesma realidade expressiva, formando um todo. Não poderemos distinguir até onde vai a expressão de um e onde começa a expressão do outro elemento.

A pessoa humana com as suas características estruturais de *criatura, transcendência e historicidade*, desenvolveu toda a dinâmica de comunicação com os outros, assente em duas fontes: a *verdade* e o *amor*¹. Sem estas duas realidades que o Homem possui, embora só parcialmente, não haveria fundamento para a comunicação. Sem *amor*, as pessoas não se aproximam para se comunicarem; sem a *verdade*, a comunicação seria uma farsa insuportável.

O rito é a forma de pôr em actividade este dinamismo no qual o Homem, com a sua condição de criatura e de transcendência comunica, através da verdade e do amor de que é capaz, com a transcendência absoluta que reconhece, aceita e ama.

Também na sua relação com a divindade, o Homem, religioso por natureza, criou formas de comunicação e de expressão que foi desenvolvendo e aperfeiçoando. Assim aparecem as expressões corporais — mais imediatas — e as expressões e manifestações espirituais. Tanto o ritmo,

1. Por *Amor* aqui, entenda-se: aquilo que torna possível o relacionamento entre as pessoas.

como o som, o movimento, a palavra, o gesto e o canto, são elementos que serviram ao longo dos séculos a linguagem de comunicação com o próximo. Também na comunicação com Deus estes elementos aparecem mas, aqui, são manifestamente insuficientes, porque Deus é transcendente. Comunicar com a transcendência, implica necessariamente mais espírito e menos matéria, menos corpo.

«Depois do silêncio, o que mais se aproxima de exprimir o inexprimível é a música»².

Entre as várias manifestações artísticas, a música é, como a poesia, uma arte não do espaço, mas do tempo. Não apreciamos a música ao centímetro ou ao minuto, mas na sua totalidade; avaliamos a música do particular para o geral, isto é, à medida que é executada, frase a frase, compasso a compasso e só no fim conseguiremos ficar com a ideia do todo. Na pintura, na escultura e na arquitectura, abarcamos a globalidade da obra e só depois é que poderemos explorar o pormenor. São artes que acontecem no espaço e não no tempo.

Toda a Arte é expressiva e é tanto mais Arte quanto mais expressiva. Também a música é manifestação artística — expressiva, portanto — fruto da actividade do espírito, mais que do corpo.

A expressão sonora do ser humano, começa na palavra. Quando a relação entre as pessoas que se comunicam é, de facto, uma relação amorosa, surge então o canto. Resumindo, a expressão sonora começa com a palavra proferida, sobe depois à palavra declamada, para passar finalmente à palavra cantada. O canto começa onde e quando as palavras já não conseguem exprimir de forma mais eloquente, aquilo que significam ou pretendem atingir. Santo Agostinho diz até que, quando já nem o canto da palavra é suficientemente expressivo, começa o «jubilus».

E adiante já uma pergunta:

— Para que me serve uma música religiosa que não é sequer tão expressiva como as palavras somente, porque diminui e destrói o sentido do próprio texto?

— Há quem diga que a melodia e consequentemente o canto, é o elemento mais relevante da Arte musical, por ser o embrião de toda a possível complexidade musical posterior. De facto, ao longo da História das religiões, a música, nomeadamente o canto, foi sempre elemento de primeira importância, na comunicação com a divindade; na sua simplicidade, ela é mais espírito e menos matéria, apesar de simples melodia. A condição imperfeita das palavras, explica porque é que o homem reforça a linguagem verbal com outros elementos, na sua relação amorosa com o

2. HUXLEY, Aldous, in VEIGA, José, *Citações de artistas*, p. 101. Editorial Lio, Lda., 1993.

transcendente. «Se a música pudesse ser traduzida para a linguagem humana, não teria necessidade de existir»³. Por isso a música, que reforça e completa a palavra⁴, interessou sempre ao cristianismo: logo nos primeiros tempos da Igreja, com a melodia pura do canto gregoriano (porque será que mesmo agora a força destas melodias não deixou de encantar?); depois as melodias sobrepostas, dando início àquilo que será a polifonia com o seu ponto alto na Renascença; depois a música instrumental a juntar-se às vozes, acompanhando a evolução dos conceitos de estética e as formas de manifestação religiosa. Ela foi sempre a expressão profunda e intensa de compositores de fé inabalável, ao serviço das comunidades cristãs, que são comunidades de fé.

— A arte é a colaboração entre Deus e o artista e quanto menos o artista fizer, melhor⁵.

E lanço a segunda pergunta:

— Para que nos serve uma música (música litúrgica, entenda-se) que não seja manifestação da fé do seu autor e das comunidades que a vão usar como forma artística — isto é, altamente expressiva — de comunicar com Deus?

A Civilização Ocidental em que estamos inseridos foi arredando, nomeadamente durante a Idade Média, alguns elementos da primitiva linguagem de expressão religiosa e de comunicação com Deus. Assim, a mímica e a dança, que eram artes sagradas em tempos remotos, foram dessacralizadas ao ponto de serem consideradas como artes heréticas e diabólicas, no Velho Continente.

Com a «profunda alteração dos conceitos éticos e estéticos»⁶ que aconteceu ao longo dos séculos, conduzindo os modos de expressão musical até ao que hoje se faz sentir no nosso meio, esses elementos foram banidos das expressões colectivas, litúrgicas, permanecendo actualmente apenas em algumas religiões e em zonas concretas do Globo. (Mas não vou falar das normas da Igreja de Roma sobre estas questões ...)

Se a verdadeira arte é apenas uma sombra da perfeição divina⁷ e se toda a arte é, de facto, algo de religioso, que diremos da música? — A música é-o muito mais. E porquê? — Vejamos.

3. ROREM, Ned, in *Idem*, p. 103.

4. FRATTALLONE, Raimondo, *Musica e liturgia*, p. 27. C.L.V. - Edizioni Liturgiche, Roma, 1984.

5. GIDE, André, in *pp. cit.*

6. D'ALMEIDA, A. Vitorino, *O que é a música*, p. 35. Difusora Cultural, 1993.

7. ÂNGELO, Miguel, in *op. cit.*

Deus é espírito puro; por isso a arte não pode representá-l'O, mas evocá-l'O. A matéria só por si, não chega lá; terá que superar-se pela simbólica, pela imaterialidade. Ora a música é feita de uma infinidade de elementos: a métrica, o ritmo, o som, o timbre, a intensidade, a altura, o sentido de crescendo e diminuindo, o modo de ataque, a impoção da voz humana, a harmonia com os seus variadíssimos recursos, a forma, o sentido da modalidade e da tonalidade, a ressonância da voz, dos instrumentos e dos espaços, as vibrações simpáticas e parasitas, os efeitos de eco, etc. Apesar disso é a menos material das artes.

Lanço agora mais uma pergunta:

— Para que me serve uma música que, por ter muito de material, de sensorial e de sensual, tem pouco ou nada de espiritual? — Como vou entrar em comunicação com a transcendência de Deus, se não uso o que eu próprio tenho de transcendente? — Para que me serve na Liturgia (na comunicação com Deus) uma música que não exprime o religioso, o transcendente, não nasceu da fé, nem de uma reflexão — como toda a arte — mas de um improviso mais ou menos habilidoso, conotou-se com o profano ou está associada ao divertimento?

Por tudo isto se exige que o artista seja, de facto, artista, na plena acepção da palavra.

Se o pintor tem de ser artista; se o arquitecto tem de ser artista, se o poeta tem de ser artista, porque será que o músico se pode dispensar de o ser?

O que é o verdadeiro artista para Liturgia senão aquele que é capaz de estabelecer formas intensas de comunicar com Deus; que é capaz de incarnar a mente e a fé de uma comunidade de tal modo que esta se sinta identificada com as formas de expressão por ele criadas, podendo fazer delas oração sua?

A música, leva-nos a descobrir o próprio Deus.

Santo Agostinho escreve: *quanto não chorei fortemente comovido ao escutar os hinos e os cânticos que ressoavam da vossa Igreja. Essas vozes entravam-me no ouvido orvalhando de verdade o meu coração; ardia em afectos piedosos e corriam-me as lágrimas, mas sentia-me consolado*⁸.

Logo a seguir, continua: *Confesso que ainda agora encontro algum descanso nos cânticos que as vossas palavras vivificam, quando são entoados com suavidade e arte. Quando oiço essas vossas santas cantar palavras com mais piedade e ardor, sinto que o meu espírito vibra com uma unção mais religiosa e ardente do que se fossem cantadas de outro modo. Sinto que*

8. AGOSTINHO, Santo, *Confissões*, Livro IX, 6.

*todos os afectos da minha alma encontram na voz e no canto, segundo a diversidade de cada um, as suas próprias modulações, vibrando em razão de um parentesco oculto, para mim desconhecido, que existe entre eles*⁹.

Outro caso mais perto de nós no tempo, igualmente célebre, a propósito da descoberta de Deus através da boa música, é o de Paul Claudel. Eis um excerto de um texto seu: [...] *Tal era o jovem infeliz que, em 25 de Dezembro de 1886 se dirigiu à Notre-Dame de Paris para assistir aos ofícios de Natal. Começara então a escrever e parecia-me que nessas cerimónias católicas, consideradas com um diletantismo superior, eu encontraria um excitante apropriado e matéria adequada para alguns pequenos exercícios. Era nesta disposição que eu assistia com um prazer medíocre à Grand'Messe. Depois voltei para as Vésperas. Os meninos [...] estavam a postos para cantar o que eu mais tarde soube ser o Magnificat. Eu próprio estava de pé no meio da multidão junto à segunda coluna à entrada do coro, à direita do lado da sacristia. É então que se produz o acontecimento que domina toda a minha vida. Num instante o meu coração foi tocado e eu acreditei. Acreditei com uma tal força de adesão, com um tal arrebatamento de todo o meu ser e uma convicção tão potente, com uma tal certeza que não deixa lugar a qualquer dúvida, que depois nenhum livro, raciocínio ou problema de uma vida agitada pôde abalar a minha fé nem, para dizer a verdade, a pôde tocar*¹⁰.

— Diz-se que o artista tem de ser inspirado para desempenhar bem o seu papel!

— E o que é a inspiração?

— «Chama-se habitualmente «inspiração» a um estado de maior predisposição criativa em que o artista é bafejado por mais ou melhores ideias»¹¹.

— O artista não sabe quando nem como lhe vêm as ideias. Por isso, não tem que se orgulhar de as ter, porque não são mérito seu. Ele é, de algum modo, um profeta.

— Richard Strauss afirmou que a obra de arte se produzia com dez por cento de inspiração e noventa por cento de transpiração¹². Independentemente do rigor matemático desta percentagem, reconheceremos que

9. *Idem*, Livro X, 33.

10. CLAUDEL, Paul, *Contactes et Circunstances*, 1940, citado em Collection Lagard & Michard, XX^e Siècle, Ed. Bordas, 1964, p. 178.

11. D'ALMEIDA, A. Vitorino, *op. cit.*, p. 91.

12. D'ALMEIDA, A. Vitorino, *op. cit.*, p. 93.

o músico, como todo o artista, poderá chamar-se um génio, mas só *quando* for capaz de trabalhar com eficácia e perfeição o material que a tal inspiração lhe oferece de bandeja sem merecimento seu; *quando* estiver munido de bons conhecimentos técnicos e bom senso estético, conquistados, esses sim, à força de anos de intenso trabalho, que o tornem capaz de construir a obra de arte — então poderemos chamar-lhe «génio».

O violoncelista e compositor Pablo Casals desabafava em certa ocasião em que lhe chamaram «génio», dizendo que, depois de mais de vinte anos de trabalho intenso à média de 15 a 16 horas por dia; depois de centenas e centenas de concertos por toda a parte; depois de ter trabalhado com tantos músicos em concertos e gravações, agradecia muito virem agora dizer-lhe que era um «génio».

Igor Strawinsky, questionado sobre o «declínio da Igreja como instituição musical», escreve:

— ... *Se a Igreja foi ou não a patrocinadora mais sábia — e acho que o foi, porque nela se cometeram menos pecados musicais — pode ser discutível, mas é certo que foi a mais rica em formas musicais. Como nos tornamos mais pobres sem as liturgias com música!... A Igreja sabia (noutros tempos!) o que o salmista sabia: a música louva ao Senhor. A música é tanto ou mais capaz de louvá-l'O do que o edifício da igreja com toda a sua decoração; ela é o maior ornamento da Igreja*¹³.

Mais adiante, a propósito da música sacra e profana, diz:

... *quero distinguir a música religiosa sacra da música religiosa profana*¹⁴. Esta última é inspirada pela humanidade em geral, pela arte, pelo «Übermensch» (Super-homem), *que só Deus sabe o que é. A música religiosa sem religião é quase sempre vulgar. Há música de Igreja, por assim dizer, apagada... mas não vulgar. Actualmente, é certo, encontramos música de Igreja vulgar, mas ela não é realmente da ou para a Igreja*¹⁵.

Questionado ainda sobre a necessidade de o compositor litúrgico ser um crente, Strawinsky responde: *Evidentemente. E não um crente em «figuras simbólicas», mas na Pessoa do Senhor, na Pessoa do Diabo e na vida da Igreja*¹⁶.

ANTÓNIO AZEVEDO OLIVEIRA

-
13. STRAVINSKI, Igor e CRAFT, Robert, *Conversas com Igor Stravinski*, p. 102. Perspectiva, 1984. (O sublinhado é nosso.)
 14. Strawinsky está, com certeza, a pensar na música do Romantismo.
 15. In *op. cit.*, *idem*.
 16. *Ibidem*.

Teologia e Arte

Ouvinte do tempo presente como mediação da Revelação, surge a Teologia. Vozes insuspeitas, quais pastores da realidade, conseguem ver que «estamos diante de uma crise que pode trazer o suicídio do género humano ou trazer uma nova esperança e um novo despertar». Estamos situados face «à alternativa de escolher entre dois extremos: ou a forma de acabar ou a de no futuro viver como uma família». É esta uma «época cruel e paradoxal, em que se vai à lua e se fomenta o ódio nos cinco continentes . . . se negam divindades que se cultuam, se faz da moral um disfarce e do cinismo uma virtude . . . é um desafio, no bom e no mau, às forças e fraquezas de cada um»¹. Desafio para a Igreja, poderá a teologia na relação com a arte encontrar uma compreensão da realidade, que não sucumba?

Teologia e Arte

A teologia parte da fé, transmitida pela vida da Igreja; leva-nos para a arte, que é síntese da vida. Como a sociedade, a Igreja dá-se também a conhecer pela sua arte de viver, no e pelo seu meio: «é toda a cultura que subsiste como criação do espírito, como uma arte de viver em conjunto, como um estilo de vida, em que todos os elementos devem observar-se na sua interdependência, harmonia, tensão e contraste . . . A arte proclama e exalta um estilo e uma concepção da existência»². A arte surge como «a síntese de tudo»³.

Síntese da vida, a arte procura exprimir a natureza do homem, os seus problemas, identificar a sua situação na história e no universo, dar a

-
1. *O contributo das religiões para uma cultura da Paz* — Conferência da Unesco, Dezembro 1994; CLUB OF ROM, *Die erste globale Revolution. Bericht zur Lage der Welt*, Taschenbuchausgabe, Frankfurt, 1993, 275; M. TORGA, *Diário XV*, Coimbra 1990, 172-177.
 2. H. CARRIER, *L'Art*, in *Lexique de la Culture. Pour l'analyse culturelle et l'inculturation*, Desclée, Tournai-Louvain-la-Neuve 1992, 49.
 3. FERNANDO PESSOA, *Páginas íntimas de auto-interpretação*, Col. Prosa, Ed. Ática, Lisboa, 124; FERNANDO PESSOA, *O rosto e as máscaras*, Ed. Circulo de Leitores, Garamond 1976, 9.

conhecer as suas misérias e alegrias, necessidades e energias, elevar a vida humana (GS 62). Toca o homem na profundidade da sua existência; abre para o enigma humano e para o mistério de Deus⁴. Desperta o homem para uma visão da realidade, que respeita o enigma humano, com lugar para Deus. Meio de confronto nesta profundidade, a arte permite dar uma visão da realidade, simbólica, que abre para o Invisível.

Quem nos pode levar aí, é o Espírito; pertence-lhe introduzir «na dimensão do espaço próprio de Deus. De certo modo, ele é este espaço»⁵. E para este tempo «quer-se suscitar uma particular sensibilidade por tudo quanto o Espírito diz à Igreja e às Igrejas (cf. Ap 2,7 ss), como também aos indivíduos através dos carismas ao serviço da comunidade inteira»⁶. O espaço do jogo da Igreja é o teatro do mundo. A Igreja diz-se «em Cristo sacramento, isto é, sinal e instrumento da íntima união do homem com Deus e da unidade do género humano» (LG 1); é sinal a ser lido a partir do modo como os que constituem a Igreja tentam dizer Deus, concretamente pela arte.

No Concílio Vaticano II, em que a Igreja tentou dizer-se a si mesma, afirma-se, por um lado, «que o ateísmo, considerado no seu conjunto, não é um fenómeno originário (e) os crentes podem ter tido parte não pequena na (sua) génese . . . , na medida em que pela negligência na educação da sua fé, ou por exposições falaciosas da doutrina, se pode dizer que antes esconderam do que revelaram o autêntico rosto de Deus e da religião» (GS 19); por outro, afirma-se, também, que «a Igreja, na sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo aquilo que ela é e tudo quanto acredita» (DV 8). Um desafio é colocado aos crentes com a questão do ateísmo; é a questão da transmissão da fé, da sua linguagem.

A arte deve ser percebida como um jogo do imaginário, da utopia e mesmo da ruptura social. O artista não é somente o intérprete, é precursor de formas inovadoras do pensamento, da imaginação, da sensibilidade social. Tem esta dimensão profética⁷: imagina a etapa seguinte. As rupturas podem levantar dificuldades, dada a mudança de sensibilidade: «numa obra de arte, por exemplo, é relativamente fácil verificar como deixaram alguns seus aspectos de possuir interesse vivo artístico, energia comunicativa, reduzidos que ficam a objecto de estudos

4. M. QUARTANA, *L'art aux profondeurs de l'homme*, in «Lumière et Vie», 40, 203 (1991) 5-14.

5. J. GREISCH, *L'âge hermeneutique de la raison*, Cerf, Paris 1985, 222.

6. JOAO PAULO II, *As portas do terceiro Milénio*, 23.

7. H. CARRIER, *L'Art*, art. cit., 50.

de especialistas»⁸. Elo entre as gerações, a arte de uma época passa à seguinte não a sua sensibilidade, mas «a inteligência que teve dessa sensibilidade»⁹.

É próprio da Teologia e do cristão «estar sempre pronto a responder com mansidão e respeito a quem lhe perguntar a razão da sua esperança» (1 Ped 3,15). Diante do mundo nos seus contrastes, do Espírito que ilumina e desperta para a responsabilidade e da Igreja entre tradição da fé e confronto do ateísmo, a teologia deve elaborar-se, procurando o espaço potencial de Deus, que não conhece fronteiras. E no campo da teologia, como resposta, anota-se já o esforço de autocorreção pelas formas de teologia política, estética e terapêutica¹⁰. H. U. von Balthasar escreveu uma estética teológica. Tem como centro Cristo, em quem se manifesta a glória do Pai; deixa ver as maravilhas de Deus, os elementos de beleza: ausência de interesse, pura liberdade, ausência de pressão, expressão difusiva de si mesmo. É sobretudo em Jesus crucificado, no Calvário, que aparece a forma mais resplandecente da glória; aí, é tão intensa que «hão-de olhar para aquele que transpassaram». Numa entrevista, afirma: «Comecei com o Belo, porque o esplendor do ser é a primeira coisa que vê uma criança ou um homem simples percebe». A teologia dá-se conta da via da beleza como acesso para Deus; a ciência, por seu lado, reconhece a arte como via de conhecimento.

Arte e Ciência

A ciência do paradigma emergente aponta para esta racionalidade plural e não única. A ciência supõe outras perspectivas, que a suportam. «A ciência mostra-nos o que é que existe, mas não o que é que se há-de fazer com isso. A política, o direito, a arte e a religião fornecem-nos outras visões de uma outra realidade (que) rasgam a fachada da existência comum e, durante alguns momentos breves e intensos, mostram-nos a realidade que suporta emocionalmente essa fachada (que) podem ser momentos de verdadeira criatividade ou de desespero absoluto — experiências trans-

8. J. RÉGIO, *Confissão dum homem religioso. Páginas íntimas*, Brasília, Porto 1971, 213-214.

9. FERNANDO PESSOA, *Textos de intervenção social e cultural. A ficção dos heterónimos*, Col. Livros de Bolso, Ed. Europa-América, Mem Martins 1986, 235.

10. E. BISER, *El futuro de la Teología*, in «Selecciones de Teología», 28, 111 (1988) 231; L. DUPRÉ, *La teología de la forma estética de Hans Urs von Balthasar*, in «Selecciones de Teología», 29 (1990) 67-80.

categóricas que deslocam a ordem do nosso universo pessoal e posteriormente transformam as nossas ideias e valores»¹¹. Ela «não é a única explicação possível da realidade e não há sequer qualquer razão científica para a considerar melhor que as explicações alternativas da metafísica . . . da religião, da arte ou da poesia»¹². Na realidade «existem domínios importantes da experiência humana que não podem ser apreendidos pela ciência (que se situam) no domínio da arte, da poesia, da literatura, da música, da ética, da filosofia, da religião e da mitologia»¹³. A realidade contesta a pretensão duma concepção de ciência, que se julgava a única explicação.

A ciência afirma-se na relação com outras vias de acesso à realidade, numa racionalidade alargada construída pelas várias racionalidades. O reconhecimento destes vários domínios da criatividade humana permite augurar uma nova fase para a humanidade, mais livre, através de uma ciência que os integre; será «uma nova ciência integrada, que reunirá a biologia geral, a neurociência e os produtos mais avançados da cultura humanística»¹⁴. A ciência abre-se ao campo da arte, apercebendo-se dos apelos que ela veicula.

O belo face ao risco do desespero

Um dos momentos mais trágicos da história humana, neste século, deixou-nos ouvir os ecos da necessidade da beleza. A inquietude, a nostalgia do homem contemporâneo, é bem expressa por E. Ionesco: «espero que a beleza venha iluminar um dia os muros sórdidos da minha quotidiana prisão». E Simone Weil, perseguida pelos nazis, diz: «A beleza do mundo é hoje quase a única via para o homem actual chegar a Deus»¹⁵. A arte é a dimensão da realidade, que mantém a humanidade do homem, mesmo nas situações mais adversas: «Executado no campo nunca fui escutado com mais atenção e compreensão . . . Este canto de louvor todo ele é amor. Sua lenta subida para o ápice é a ascensão do homem para

-
11. H. R. PAGELS, *Os Sonhos da Razão. O computador e a emergência das ciências da complexidade*, Gradiva, Lisboa 1990, 413-414.
 12. B. SOUSA SANTOS, *Um Discurso sobre as Ciências*, Ed. Afrontamento, Porto 1988, 2ª ed., 52.
 13. V. WEISSKOPF, *A revolução dos Quanta*, Ed. Terramar, Mem Martins 1990, 100-102.
 14. A. DAMASIO, *O cérebro não é um computador*, in «Expresso», 13.3.1993, A 8.
 15. L. MALDONADO, *Liturgia y Belleza. Estética y Arte en la celebración cristiana*, in «Phase», 143 (1984) 392.

seu Deus; do filho de Deus para seu Pai; da criatura divinizada para o paraíso»¹⁶. Deste modo, se exprimiu Olivier Messiaen, prisioneiro no campo de concentração de Goerlitz, onde compôs *O Concerto para o fim dos tempos*. E F. Dostoievskij afirma: «a beleza salvará o mundo». A atenção ao drama humano confirma que «nesta inquietude criadora bate e pulsa o que há de mais profundamente humano: a busca da verdade, a insaciável necessidade do bem, a fome de liberdade, a nostalgia do belo e a voz da consciência»¹⁷.

Ao dirigir-se aos artistas «guardiões da beleza no mundo», diz Paulo VI: «O mundo em que vivemos tem necessidade da beleza para não cair no desespero»¹⁸. O homem, que cria obras de arte, exprime a condição humana na sua inquietude. Como espaço de salvação e resposta à inquietude humana, a Igreja integra esta dimensão, esta via de acesso a Deus. Situa-se, assim, na perspectiva integral para que a ciência aponta.

Conclusão

Ao desafio inicial dum mundo de contrastes, à necessidade da beleza, ao Espírito que convida a habitar o espaço de Deus, deve a Igreja responder, situando-se no tempo numa nova síntese de conhecimento. É uma situação nova, descrita como «o limiar de uma grande aventura do espírito humano — uma nova síntese do conhecimento, uma integração potencial da arte e da ciência, uma compreensão mais profunda da psicologia humana, um aprofundamento das representações simbólicas da nossa existência e sentimentos tal como são dados pela cultura e pela religião, o surgimento de uma ordem internacional baseada na cooperação e na competição não violenta»¹⁹.

Sacramento de salvação para o mundo, deve a Igreja ter em conta as mudanças, que constituem disposições para a salvação; na realidade, «a humanidade, não obstante as aparências, continua a esperar a revelação dos filhos de Deus e vive de tal esperança como na aflição de um parto, segundo a expressiva imagem utilizada por S. Paulo na Carta aos Romanos (cf. 8,19-22)²⁰. D. Bonhoeffer, assassinado pelos nazis, afirma

16. Cit. em J. M. VELASCO, *El malestar religioso de nuestra cultura*, Ed. Paulinas, Madrid 1993, 146-147.

17. JOAO PAULO II, *O Redentor do Homem*, 18.

18. PAULO VI, *Mensagem do Concílio à humanidade*, 1965.

19. H. R. PAGELS, o. c., 423.

20. JOAO PAULO II, *Às portas do terceiro Milénio*, 23.

que «a Igreja é talvez a única entidade que nos permite reencontrar a compreensão de um espaço de liberdade para a arte, a cultura, a amizade, o jogo. Não significaria isto que a 'existência estética' (Kierkegaard) precisamente deveria não ser expulsa do âmbito da Igreja, mas antes nela ser fundamentada de novo?»²¹. É a sua condição de peregrina por estas vias, que deve ser tida em conta; tal condição deve a Igreja, pela teologia, expressar.

A analogia, o símbolo, é a linguagem mais adequada para falar de Deus; abre para o mais de modo que o mundo é a metáfora de Deus. É a linguagem da arte, que permite ver o mundo de outro modo. E a liberdade é a tradução do que é a analogia. Pela liberdade nascem mundos alternativos, que contestam a este a pretensão de ser o único. «Onde está o Espírito, aí está a liberdade» (2 Cor 3,17); é Ele que nos conduz à visão simbólica da realidade, antecipação do fim, síntese, em que «Cristo será tudo em todos».

MANUEL M. DA COSTA SANTOS

21. D. BONHOFFER, *Widerstand und Ergebung. Briefe und Aufzeichnungen aus der Haft*, Siebenstern Taschenbuch Verlag, Hamburg 1971, 7.^a ed., 102-103.

Encerramento

Ao anunciar o tema da *III Semana de Estudos Teológicos* sobre «A Arte e a Igreja» propusemo-nos oferecer um espaço de reflexão e debate.

Associámos à proposição do tema uma dupla interrogação: Ruptura? Comunhão?

Com independência das conclusões a que eventualmente se pudesse chegar, tínhamos um objectivo fundamental: sensibilizar, chamar a atenção para a importância do binómio Arte - Igreja.

Pudemos contar com a colaboração de especialistas que nos ajudaram a juntar peças deste *puzzle* tão fascinante quanto complicado.

Todos estiveram de acordo na afirmação da relação Arte - Igreja, ou, ainda mais extensamente, Arte - Religioso, ao longo dos tempos. Sublinharam-se os acentos que mais ressaltam dos principais momentos da História da Arte; recordou-se a interacção Arte: Comunidade - Homem - Religioso; reflectiu-se sobre a profundidade e a força da imagem; estudou-se a cronologia viva da Arte no seu estádio de criação, significação, testemunho; fomos convidados a cultivar a verdade do homem e das coisas como alicerce para a descoberta da unidade de espaço; participámos na meditação apelativa para a busca da Beleza: o homem afogado na sua fragilidade perde, inevitavelmente, o horizonte da Beleza (mas a fragilidade não é uma doença do nosso século: é marca do homem); redescobrimos a Liturgia como palavras do homem compostas com o alfabeto de Deus.

Todos estiveram de acordo no título: a profunda relação da Arte com a Igreja. Este binómio constitui um indesmentível legado.

As dissonâncias surgiram na letra pequena: *ruptura* ou *comunhão*?

Curiosamente ninguém se questionou sobre a comunhão no passado; alguns acentuaram os traços de ruptura no presente. Uns, com algum dramatismo; outros reconheceram um distanciamento efectivo, no presente, mas deixaram portas abertas para o futuro: a expressão não tem tempo se tiver qualidade, isto é, verdade. E os modos de expressão terão as marcas do tempo.

Mas foi a Igreja que se distanciou da Arte? ou foi a Arte que se afastou da Igreja? ou foi o Homem que perdeu a Arte e a Igreja?

A explicação do naufrágio ou do desnorte da Humanidade interessa na medida em que serve para salvar o Homem. A Arte, na medida em que é expressão e apelo à Beleza, interessa à Igreja. A Igreja cuidando a Arte cuida do Homem; a Igreja cuidando o Homem cuida da Arte.

PIO G. ALVES DE SOUSA